



EIXO 06 – EDUCAÇÃO, INCLUSÃO E DIVERSIDADES – TRABALHOS COMPLETOS

INCLUSÃO ESCOLAR: EXPERIÊNCIA DE UMA PRÁTICA EDUCATIVA E REFLEXIVA

Ana Maria Andrade Carneiro
anamaria_andrade_14@hotmail.com
Graduada em Pedagogia – UAE/CFP/UFCEG

Josefa Luís Pereira
josedefa@hotmail.com
Graduada em Pedagogia – UAE/CFP/UFCEG

Orientadora – Prof.^a Nozângela Maria Rolim Dantas
nozangela@yahoo.com.br
Doutoranda em Educação pela PUCRS – UAE/CFP/UFCEG

Resumo

O que se observa nos dias atuais é a crescente necessidade das escolas de se falar, estudar, refletir sobre a temática da inclusão, devido aos constantes desafios que dela provêm. Partindo do princípio que a inclusão abrange todas as pessoas que são excluídas, de alguma forma do contexto sócio-político-econômico e cultural, com ou sem deficiência, buscou-se desenvolver pelo Programa de Monitoria Pró-Licenciatura da UFCEG, o projeto denominado de “A inclusão como desafio no processo educativo em uma escola pública estadual”, no ano letivo de 2013, que teve uma carga horária de doze (12) horas semanais, totalizando 360 horas de atividades desenvolvidas em uma escola pública do ensino fundamental na cidade de Cajazeiras/ PB. Tinha-se como um de seus objetivos, acompanhar os discentes dessa escola, que está localizada em um bairro periférico da cidade e auxiliá-los no processo de inclusão, com atividades que proporcionasse uma troca de conhecimento e promovesse a interação entre os estudantes com e sem deficiência, professores da escola com os alunos do curso de Pedagogia da UFCEG, Campus de Cajazeiras/PB. Para o desenvolvimento do projeto foram utilizadas oficinas de material reciclado, de música, contação de histórias, confecção de cartazes, dinâmicas de grupos, entre outras. Com os professores se buscou realizar um encontro com textos e palestra sobre afetividade e o trabalho docente. No que se refere aos resultados, foi observado uma melhora na relação professor-aluno, e na relação dos alunos “ditos normais” com os discentes com deficiência, devido às atividades sempre serem desenvolvidas em grupo e com o envolvimento de todos. Em função disso, percebeu-se que passou a ocorrer gradativamente uma maior abertura da escola com relação à proposta do projeto; os alunos passaram a interagir melhor com os alunos com deficiência, desenvolvimento de atividades pedagógicas mais adaptadas, e com a inclusão de todos os alunos.

Palavras-chaves: Inclusão; Educação; Escola Pública.



Introdução

Esse estudo fez parte do projeto do Programa de Monitoria Pró-Licenciatura, pertencente à Universidade Federal de Campina Grande/UFCEG, no ano de 2013, desenvolvido em uma escola pública estadual da cidade de Cajazeiras/PB. Esta escola está situada na periferia do município e atende a comunidade nos períodos da manhã e da tarde (1º ao 5º ano) com alunos com idade variando entre os 06 aos 14 anos de idade. No turno da noite atende os alunos que fazem parte da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Quanto à condição econômica, essa comunidade estudantil se encontra na classe da população que recebe renda mensal que varia de menos um (-1) até três (3) salários mínimos.

Este projeto nasceu de um encontro realizado na escola sobre Educação Inclusiva e da necessidade de se fazer uma formação continuada com os professores da escola com o apoio e intervenção da Universidade Federal de Campina Grande (UFCEG), Campus de Cajazeiras/PB. A partir de então, foi elaborado um projeto que buscou fazer uma intercessão entre os estudantes do curso de Pedagogia da UFCEG e os da escola pública estadual.

O projeto foi desenvolvido durante o período de letivo de 2013.1 e 2013.2, com carga horária de doze (12) horas semanais, distribuídas entre a formação e a prática na escola, totalizando 360 horas. Teve como objetivo geral o acompanhamento dos docentes da escola pública estadual e auxiliá-los no processo de inclusão de alunos com deficiência e com problemas de aprendizagem nas atividades escolares. Com relação aos objetivos específicos, pensou-se em: a) promover uma troca de conhecimento entre a escola e os alunos da universidade por meio dos alunos monitores do projeto, na busca de uma educação inclusiva e de qualidade para todos, sempre incentivando a troca de experiência entre alunos e professores; b) trabalhar temas que se voltados à inclusão da pessoa com deficiência, desenvolvendo atividades que objetivassem a formação do professor, tanto na área da educação, como da socialização entre o corpo docente e discente; c) promover atividades que contribuíssem para a aprendizagem do aluno e a formação do professor.

O planejamento das atividades teve início com a realização de observações em



sala de aula, análise do ambiente escolar e de sua estrutura física e pedagógica. Foram realizadas conversas informais com os professores e alunos, no intuito de fazer um levantamento das principais necessidades educativas da composição da escola. Posteriormente, foram realizadas anotações dessas dificuldades enfrentadas na escola, analisadas e organizadas atividades em um quadro de prioridades para serem trabalhadas em forma de oficinas e palestras.

Alguns pontos levantados pelas alunas monitoras do projeto foram com relação à escola foram: a) dificuldade de relacionamento entre os professores; b) indisciplinas dos alunos; c) dificuldade de interação entre os alunos e professores; d) os alunos com deficiência não participavam das atividades no contexto do grupo da sala de aula; e) alunos com problemas de aprendizagem em diversas disciplinas, como a de português e matemática; f) infraestrutura física e pedagógica inadequada para alunos com deficiência; g) falta de integração entre o corpo administrativo e os professores.

Após a realização deste breve diagnóstico, foram realizados encontros de formação e de planejamento, no intuito de averiguar as estratégias que deveriam ser utilizadas para tentar trabalhar os pontos junto aos alunos, professores e a gestão da escola. Além do mais, foi percebido que os alunos com deficiência estavam inseridos na escola, mas não estavam incluídos nas atividades pedagógicas e sociais da escola. Esse ponto passou a ser um desafio, pois era preciso fazer uma problematização desse processo de interação dos alunos com deficiência nas atividades educativas, no intuito de que esses alunos participassem do ambiente escolar, assim como os demais colegas.

Além das observações houve algumas tentativas de se fazer momentos de formação com os professores da escola, por meio de encontros com professores da universidade que se voluntariasse. Esses momentos foram poucos, devido os professores da escola trabalhar em outras instituições nos horários opostos ao da escola. Para eles o acréscimo de mais uma atividade iria sobrecarregar seus horários. No entanto, sempre que se tinha alguma oportunidade, procurava-se uma brecha em alguma das reuniões de planejamento da escola, que aconteciam uma vez por semana para fazer uma formação com os docentes.

Sendo assim, deu-se prosseguimento ao desenvolvimento dos projetos tendo por base as observações realizadas nos espaços da escola como pátio, sala de aula, direção e



sala de leitura. Todos considerados como espaço de aprendizagem e convivência. As oficinas realizadas em sala de aula com alunos e professores ajudaram na interação e na reconfiguração da visão que os docentes tinham sobre o processo de inclusão do aluno com deficiência na escola.

Vale salientar que uma das principais preocupações do projeto era o de trabalhar a inclusão a partir de uma perspectiva interdisciplinar e que contasse com a participação de todos. Sendo assim, as atividades eram aplicadas principalmente junto aos alunos e buscava perceber suas principais dificuldades de aprendizagem. No encontro seguinte, era desenvolvida outra atividade levando em consideração os dados colhidos no encontro anterior.

É importante salientar que as alunas da monitoria do projeto também seguiam uma perspectiva teórica, que tinha a preocupação, não só com a prática na escola, mas como uma complementação da formação acadêmica delas, do crescimento pessoal e profissional. Devido às dificuldades encontradas na escola, tinham-se encontros com momentos de escuta e de partilha das experiências.

O processo da educação inclusiva no âmbito escolar

Abordar a inclusão nos tempos atuais é pisar em um terreno amplo e complexo que vai ao encontro do desenvolvimento das políticas públicas que atende, tanto as pessoas que estão na linha da pobreza, quanto às minorias relacionadas ao gênero, sexo, religião, etnia e as pessoas com deficiências.

Com relação à inclusão no ambiente escolar procurou ter presente à inclusão como aquela que consiste no desenvolvimento do respeito entre todos na escola:

A inclusão é uma possibilidade que se abre para o aperfeiçoamento da Educação Escolar e para o benefício de todos os alunos, com e sem deficiência. Depende, contudo, de uma disponibilidade interna para enfrentar as inovações e essa condição não é comum aos sistemas educacionais e aos professores em geral. (MANTOAN, 2004, p. 27)

O processo de inclusão e da educação especial não deve ser visto apenas o aluno com necessidades especiais, mas também todos os alunos da sala, para que todos sejam



beneficiados, ao mesmo tempo em que quebra as barreiras atitudinais existentes sobre a pessoa com deficiência. Segundo o Estatuto da Pessoa com Deficiência, Lei Nº 13.146 de 06 de julho de 2015, art. IV:

- barreiras: qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que limite ou impeça a participação social da pessoa, bem como o gozo, a fruição e o exercício de seus direitos à acessibilidade, à liberdade de movimento e de expressão, à comunicação, ao acesso à informação, à compreensão, à circulação com segurança, entre outros.

É preciso destacar que o direito e o dever ao acesso e a expressão nos ambientes sociais, incluir as pessoas com e sem deficiência. As dificuldades de se locomover ou se expressão, são apenas barreiras da vida para a convivência na sociedade no cotidiano diário. Diante disto, o Estatuto citado acima vem afirmar que as barreiras atitudinais consistem em

Atitudes ou comportamentos que impeçam ou prejudiquem a participação social da pessoa com deficiência em igualdade de condições e oportunidades com as demais pessoas.

Como a Constituição de 1988 prevê a educação “para todos”, Holanda (2008) percebe esse “todos” como sendo um desafio para as escolas de ensino regular, devido essas instituições de ensino ainda não estarem prontas e preparadas para receberem a diversidade que busca seus espaços de aprendizagem, sejam elas: cognitivas, físicas, visuais, auditivas, culturais, linguísticas, sociais, étnicas e de gênero. Atender a essa demanda é um desafio a ser conquistado, não só pela escola, mas também pela sociedade.

Para Mantoan (2006) o movimento da inclusão não visa à identificação e legitimação das diferenças, que segrega e cria grupos marcados pela identidade. Mas, se apoia na ideia de igualdade de direitos no exercício da cidadania. Para essa estudiosa da educação inclusiva “a educação escolar não pode ser pensada nem realizada senão a partir da ideia de uma formação integral do aluno” (MANTOAN, 2006, p.9).

Em um texto sobre “O direito à diferença na igualdade dos direitos” Mantoan (2013, p.1) aponta para a importância das ações educativas no processo inclusivo:

Nossas ações educativas têm como eixos o convívio com as diferenças, a



aprendizagem como experiência relacional, participativa, que produz sentido para o aluno, pois contempla a sua subjetividade, embora construída no coletivo das salas de aulas.

Nesta perspectiva Marchesi (2004) chama atenção para a importância da igualdade de oportunidades, inclusive na escola. Este espaço educacional deve acolher a todos indistintamente, além de ser um ambiente de oportunidades, de crescimento e de desenvolvimento das capacidades do homem em todas as esferas da sociedade.

Paulo Freire vai lembrar que:

ensinar e aprender se vão dando de tal maneira que quem ensina aprende, de um lado, porque reconhece um conhecimento antes aprendido e, de outro, porque, observado a maneira como a curiosidade do aluno aprendiz trabalha para apreender o ensinando-se, sem o que não o aprende, o ensinante se ajuda a descobrir incertezas, acertos, equívocos (FREIRE, 2006, p.259).

Portanto, o papel da escola é criar espaços para oportunidades e possibilidades de crescimentos para todos, indistintamente.

A educação inclusiva no espaço da sala de aula

O desenvolvimento das atividades partiu, primeiramente, de uma sistematização das referências bibliográficas, no intuito de realizar uma formação para os alunos do curso de Pedagogia que estavam envolvidos nos projetos, sobre inclusão e a prática docente. Posteriormente, os alunos foram orientados a fazer observações na escola, conversas com professores sobre os conteúdos que estavam trabalhando, tendo como objetivo o de verificar o andamento das atividades pedagógicas em sala de aula e o de combinar horários de atuação dos projetos.

Ainda no processo de observação procurou conhecer a estrutura física, percebendo-se que não há espaço coberto para crianças se protegerem do sol na hora do intervalo e o pátio é de chão batido, e as salas de aulas são pequenas, escuras e sem arejamento, contendo um excesso de alunos na instituição, tendo nas turmas da manhã, funcionando três salas (2º Ano, 3º Ano e 5º Ano) e nas turmas da tarde são cinco salas (2º Ano, 3º Ano,



4º Ano A e B, e 5º Ano), e o turno da noite, a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

É preciso destacar que a estrutura da escola não tem a acessibilidade adequada para as pessoas cadeirantes ou que apresente outras dificuldades de locomoção. No local para o acesso as salas de aula tem uma rampa que não atende as necessidades de um cadeirante, bem como, os banheiros são inadequados para as pessoas com necessidades especiais, devido às portas serem estreitas e com degraus no seu acesso, o espaço é estreito e pequeno, bem como, os sanitários não são adaptados para estas devidas pessoas.

Os alunos da universidade também foram orientados a participarem de uma reunião de planejamento para apresentarem as propostas dos projetos à direção, aos professores, alunos e funcionários da escola. Esses encontros com o corpo escolar tinha como finalidade fazer com que os professores refletissem mais sobre sua prática educativa na sala de aula, destacando a importância da interação social para o desenvolvimento da aprendizagem de cada aluno com deficiência e “ditos normais”.

Tendo em mãos esses dados, o passo seguinte foi o planejamento das atividades que iriam ser aplicadas no decorrer do desenvolvimento do projeto, com ajustes a cada encontro e de acordo com a necessidade dos alunos, sempre pesquisando novas atividades lúdicas educativas, com a finalidade interagir com todos os alunos dentro da sala de aula.

As atividades pedagógicas transcorreram com os discentes por meio de: rodas de leituras, aplicação de jogos educativos, apresentação de pequenos teatros, histórias contadas com a utilização de fantoches, apresentação de filmes de curta duração, leitura de quadrinhos, como por exemplo, o gibi da Turma da Mônica: Ser diferente é ser normal; na perspectiva interdisciplinar foi utilizado: produção textual, dominó com formas geométricas, construção de cruzadinha com nomes de animais, caixa da multiplicação, construção de uma árvore de natal com materiais reciclados e jogos da memória. Além destes materiais foram utilizadas figuras ilustrativas que abordavam sobre a temática da diversidade, do preconceito por meio da aplicação de dinâmicas de grupos que valorizassem o respeito, a paz, a importância da convivência, das relações humanas, entre outros.

Levando em considerações o contexto da escola e as atividades executadas pela equipe do projeto, observou-se que houve conquistas, mas também muitas limitações a serem vencidas, como o trabalho de formação dos docentes no processo inclusivo. As



atividades desenvolvidas na perspectiva da inclusão, na maioria das vezes, concentraram-se na perspectiva das relações com os alunos “ditos normais” e com os que tinham algum tipo de deficiência.

Como resultado, observou-se também uma melhora nas relações interpessoais e na aprendizagem dos alunos. Além destes aspectos, ressalta-se também que, apesar da resistência por parte de alguns docentes da escola, foi notado que outros professores passaram a tornar suas aulas mais atrativas e com maior abertura as colocações dos alunos, já que este é o principal sujeito do processo de construção do conhecimento.

A prática também proporcionou experiência docente, aprofundamento teórico na perspectiva inclusiva, maior articulação entre a teoria e a prática para as alunas do curso de Pedagogia responsáveis pela execução dos projetos.

Conclusão

Sendo assim, apesar de algumas dificuldades encontradas, os objetivos propostos foram, na sua maioria, alcançados. O tempo de execução durante o período letivo de 2013, não foi suficiente para um trabalho mais profundo. Mas, percebemos que, na medida em que o projeto transcorria, foram conseguidos alguns adeptos dentro da escola como alguns professores e o apoio da direção.

Com o desenvolvimento dos projetos observamos que as aulas realizadas tornaram-se mais atrativas para os alunos, fazendo com que eles participassem mais ativamente das atividades propostas, sendo o ator principal na construção do conhecimento. Além desses aspectos, os alunos com deficiências também passaram a ser vistos e ouvidos pelos colegas e professores. Na etapa inicial, estes eram praticamente ignorados por seus pares e vistos como um peso pelos docentes.

No decorrer do tempo alguns docente da escola começaram a observar o trabalho com um olhar reflexivo, e aos poucos dialogavam um pouco sobre o assunto e o processo de interação dos alunos no momento da aula. Acredita-se que o projeto foi importante porque foram apresentadas novas alternativas de atividades pedagógicas, promoção de espaços de interação escolar e de reflexão.



A escola teve outros ganhos concretos como a execução de outro projeto de extensão no ano de 2014, que tinha o objetivo de dar continuidade ao que foi iniciado no ano de 2013, aprofundando temáticas que foram trabalhadas de forma superficial, como a formação dos professores e o trabalho de socialização dos alunos. No mesmo ano, foi implantado o projeto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) do Centro de Formação de Professores da UFCEG.

Referências

BRASIL. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, Nº 13.146/2015.** Brasília, DF: Senado Federal. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm>. Acesso em: 18 de jun. de 2016.

FREIRE, Paulo. Cartas de Paulo Freire aos professores. In: FREIRE, Paulo. **Professor sim tia não:** Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo, Olho D'água, 2006. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ea/v15n42/v15n42a13.pdf>> Acesso em: 26 de jun. 2016.

HOLANDA, Maria de Fátima Duarte de e CAMINHA, Iraquitana de Oliveira. **Memórias da educação especial:** da integração a inclusão. João Pessoa. Editora Universitária da UFPB, 2008.

MANTOAN, Maria Tereza Eglér. **Uma escola de todos, para todos e com todos: o mote da inclusão.** In: **Educação Especial:** em direção à educação inclusiva. (Claus Dieter Stobaus, Juan José Mourifio Mosquera – Org) . - 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. Disponível em: < <http://www.pucrs.br/edipucrs/digitalizacao/diversos/85-7430-354-2.pdf>>. Acesso em: 29 de jun de 2016.

MANTOAN, Maria Tereza Eglér. A escola que é de todas as crianças. *Nova Escola*. São Paulo, n.182, p. 24-26, 2005.

MANTOAN, Maria Tereza Eglér. **Inclusão escolar:** o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2006.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **O direito à diferença nas escolas:** questões sobre a inclusão escolar de pessoas com e sem deficiências, 2013. Disponível em: <<http://www.todosnos.unicamp.br:8080/lab/links-uteis/acessibilidade-e-inclusao/textos/o-direito-a-diferenca-na-igualdade-dos-direitos-2013-questoes-sobre-a-inclusao-escolar-de-pessoas-com-deficiencias/>>. Acesso em: 09 de agosto de 2014.

MARCHESI, Álvaro. Da linguagem da deficiência às escolas inclusivas. In: COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús (Org.). **Desenvolvimento psicológico e educação:** transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 15-48. 3v.